

Pelos caminhos da Colônia

Quando pensamos no mapa e na localização dos lotes da Colônia Agrícola da Constança, via de regra os consideramos em função das principais estradas hoje existentes: BR 116, BR 267 e a estrada municipal do bairro da Boa Sorte.

Esquecemos que a Colônia, criada no início de 1910, é bem anterior à Rio-Bahia, aberta pelo Presidente Getúlio Vargas no final da década de 30 e anterior, também, à estrada Leopoldina-Juiz de Fora, sobre a qual o engenheiro e escritor Mário de Freitas, no livro Leopoldina do Meu Tempo, confessa ter estudado o traçado para vencer a serra de Argirita em viagem à cavalo, realizada por volta de 1926.

Esta confusão no tempo é que nos leva à frequente dificuldade de entender, por exemplo, porque a Colônia, que herdou o nome da fazenda Constança, teve sua sede instalada na fazenda Boa Sorte. Isto pode ser explicado pelo fato de que se chegava com mais facilidade à Boa Sorte do que à Constança, antes da abertura da Rio-Bahia, estrada que sanou o problema de transposição do vale dos Puris, que os tebanos mais antigos chamavam de “Burraco do Cubu”, e do alagado da antiga “Água Espalhada”, no local onde está hoje o “Restaurante Seta”. Além disso, pela estrada da Boa Sorte se chegava, com as condições possíveis na época, às terras da Constança.

A visão do traçado da Colônia, a partir da realidade das novas rodovias, é também um dos complicadores para entender a localização de alguns lotes que atual-

mente estão com difícil acesso hoje. Muitos deles, na verdade, quando foram demarcados eram servidos por estrada de trânsito normal ou até intenso.

Um outro fato que hoje parece estranho, mas que pode ser explicado com facilidade, é o número de excolonos da fazenda Paraíso que adquiriram lotes na Colônia Agrícola da Constança. É que, na aquisição de partes de fazendas para formar o território da Colônia, ficou determinado que ela abrigaria, também, colonos daquelas propriedades. E se considerarmos o caminho hoje inexistente, que descia da Paraíso nas imediações da “Água Espalhada”, a distância entre a Colônia e a citada fazenda não era grande, ainda mais para os padrões daquela época.

Além dos lotes, pelos caminhos da Constança podemos encontrar também a igreja de Santo Antônio, na Onça, construída em 1915, localizada no percurso natural do imigrante, visse ele da Boa Sorte ou da Constança em direção à cidade ou, simplesmente para orar ao seu Santo Protetor.

Em nosso trabalho sobre os logradouros públicos de Leopoldina, registramos que o bairro da Onça herdou o nome da antiga fazenda ali existente. Esta fazenda pertencia, em 1856, a Manoel Lopes da Rocha e José Lopes da Rocha, irmãos que foram casados com filhas do formador da propriedade, o pioneiro Bernardino José Machado. Nessa época os seus vizinhos eram, pela ordem citada nos registros, Maria do Carmo Monteiro de Barros (fazenda Desengano), Joa-



Caminho dos Imigrantes
Fonte: estudo de José Luiz Machado e Nilza Cantoni

quim Antônio de Almeida Gama (fazenda Floresta), Antônio José Monteiro de Barros (fazenda Paraíso), Manoel Rodrigues da Silva (fazenda Pury), José Augusto Monteiro de Barros (fazenda Constança), Manoel Joaquim Thebas, Carlos de Assis Pereira, João Ribeiro, Manoel Antônio de Almeida (fazenda Feijão Cru), Antônio José Pinto de Almeida e Felisberto da Silva Gonçalves.

Já em 1886, a Fazenda da Onça estava dividida entre vários proprietários. Um deles era Antonio Rodrigues Campos que, no dia 25 de maio daquele ano, vendeu 38 hectares e 72 ares a João Soares Mesquita, empregado de Jerônimo José de Mesquita, então proprietário da Fazenda Paraíso. A situação vendida por Campos tinha sido comprada de Manoel Antonio de Almeida, um dos povoadores de Leopoldina e que formou a Fazenda do Feijão Cru. As divisas dos

cerca de 8 alqueires vendidos a João Soares de Mesquita eram a estrada de Leopoldina para o Rio Pardo (hoje Argirita) e as propriedades de Pedro Machado Neto, Joviniano Augusto da Fonseca e Manoel Francisco Vieira. Pelo documento analisado, ficamos sabendo que a Fazenda da Onça fazia divisa com as fazendas Pury e Caxoeira, sendo esta última uma pequena propriedade desmembrada da Paraíso.

Já sobre o Bairro da Onça, uma edição do jornal Leopoldinense, de maior de 1882, informa que o empresário Francisco Gonçalves da Rocha Andrade ficou responsável pelo preparo de raíais para a corrida de cavalos que seria ali realizada. A notícia do jornal O Leopoldinense ressalta, inclusive, que seriam plantadas palmeiras nas margens dessas raíais. É do mesmo periódico a informação de que “no arrabalde da Onça

ocorreu o ensaio das corridas de cavalo que se efetuarão no próximo dia 25 de junho”, promovidas por José Jerônimo de Mesquita, Otávio Otoni e o Capitão Santa Maria.

O bairro compreende as terras que ficam nas margens da rodovia BR-116, a partir do posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal até as terras da antiga fazenda Pury, logo após a entrada para o bairro da Boa Sorte. Do lado direito da BR 116, no sentido de quem sai de Leopoldina em direção ao distrito de Tebas, faz divisa com o bairro rural Boa Sorte, onde estava localizada a sede da Colônia Agrícola da Constança.

No pátio fronteiro à Igreja de Santo Antônio, a escola singular rural municipal à qual a Lei Municipal nº 936, de 17.10.1973, deu o nome de “Carlos de Almeida” em homenagem a este ruralista que, em conjunto com os imigrantes que

então habitavam a Colônia, foi um dos que trabalharam na construção da Igreja.

Mas importa lembrar, também, que o trânsito da produção da Colônia trazida para a cidade era realizado por antiga via que teve alguns de seus trechos aproveitados no traçado da BR 116, a Rio-Bahia, construída no final dos anos de 1930.

Neste percurso, numa remodelação da rodovia em meados do século XX, alguns trechos permaneceram com menor utilização. Dentro eles está a ligação entre a Igreja de Santo Antônio e o ponto em que a estrada da Boa Sorte encontra-se com a BR 116 e que hoje consideramos uma via importante. Não só por ser usada por pedestres, ciclistas e cavaleiros que, procedentes da Boa Sorte dirigem-se à Igreja de Santo Antônio do Onça, ao ponto final do ônibus urbano em posto próximo ou, buscando a rodovia no ponto fronteiro àquela Igreja, onde os riscos do trânsito são significativamente menores. Mas porque historicamente foi sempre o Caminho dos Imigrantes que habitaram a Colônia Agrícola da Constança.

Por tudo isto, em 2008 sugerimos à Câmara de Vereadores que transformasse em Lei uma justa homenagem aos imigrantes, num projeto preferencialmente assinado por todos os Vereadores, concedendo o nome de CAMINHO DOS IMIGRANTES a esta via ainda sem denominação e solicitando ao Prefeito Municipal as providências necessárias à revitalização do local. ■



A Rádio Jornal AM de Leopoldina se associa à cidade de Leopoldina nas homenagens aos familiares dos colonizadores italianos pelo transcurso dos 100 anos de criação da Colônia Agrícola da Constança.

Ter o seu chão e construir a sua casa era o sonho de várias famílias italianas que escolheram a nossa Leopoldina para sua concretização. Enganjados nesta bela história, os proprietários e funcionários da loja de Materiais de Construção Quero Mais cumprimenta os seus vários clientes descendentes e a todas as famílias originárias da Itália.

PABX: 3441-3726
www.mcqueromais.com.br
e-mail:mcqueromais@mcqueromais.com.br

